

## ENSINO REMOTO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ENSINO DA GEOGRAFIA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

*Ana Mary Bilio Martins* (SEDUC/MT) – [anamarybm@hotmail.com](mailto:anamarybm@hotmail.com)  
*Maria Geni Pereira Bilio* (PPGE – UFMT) – [genibilioprofessora@gmail.com](mailto:genibilioprofessora@gmail.com)

### GT 14 – MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO

#### Resumo:

Sabe-se que o ensino remoto já era uma prática em muitos países desenvolvidos, mas no Brasil, veio em substituição ao ensino presencial, que, em virtude da pandemia que assolou o mundo. Com o período de isolamento social, houve uma movimentação para que o aprendizado continuasse acontecendo, pois uma das alternativas emergenciais para amenizar as perdas na escolarização da população juvenil. Os desafios enfrentados foram muitos, gestão, escolas, professores juntaram esforços manter o desenvolvimento do educando, onde as aulas online foram orientadas/mediadas pela SEDUC/MT e Instituições de Ensino. A covid19, veio para balançar as estruturas do sistema de ensino. O fator socioeconômico foi e continua sendo um dos principais problemas enfrentados na maioria das escolas públicas, pois, a maioria das famílias nesse processo perderam seus empregos agravando ainda mais a situação da população brasileira. O presente trabalho faz um relato de experiência de uma docente, tendo como objetivo, uma reflexão sobre as perdas que os discentes tiveram nesse novo formato de ensino, considerando o acesso digital das minorias. Tem-se como resultado, crianças com defasagem na aprendizagem e professores com acúmulo de trabalho.

**Palavras-chave:** Isolamento social. Alfabetização. limites estruturantes. Pandemia COVID-19. Equidade.

#### 1 Introdução

O fechamento das escolas brasileiras em meados de março/2020, devido à pandemia de Covid-19 levou Secretarias Estaduais e Municipais de Educação a elaborar e implementar soluções de ensino remoto de maneira emergencial, inicialmente por meio do isolamento social. Para minimizar a situação causada pela propagação do vírus durante o isolamento social, sendo este o caminho mais seguro para evitar o contágio de crianças e jovens.

Em 2020, a Pandemia causada pelo COVID-19 aflige inúmeras figurações da sociedade. Com a crise, sofre impactos a Educação Escolar vivida por muitas pessoas em diferentes realidades e países. Por sua vez, há debates na História e Historiografia da Educação sobre a presença do passado no presente e no futuro da Educação Escolar, o que permite conhecer ou revelar continuidades, descontinuidades e diferentes realidades emergentes (HONORATO e NERY, p. 2, 2020).

As ações de contingência, adotadas em diferentes velocidades a nível mundial levando a se organizarem no novo panorama causado pela pandemia, determinando assim a antecipação

das férias/recesso tentando garantir o mínimo de continuidade de atividades escolares, preservando o possível no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes em todo o país.

Ultrapassada esta primeira fase, na qual se viu uma grande profusão de iniciativas, é necessário olhar com mais atenção para as soluções adotadas e refletir sobre como aprimorá-las para atender melhor aos estudantes.

A pandemia causada pelo coronavírus levou a população global a fazer adaptações em todos os segmentos da sociedade, a fim de dar continuidade às reivindicações do dia a dia e a educação não poderia ficar fora. Dessa forma, docentes e discentes passaram a compartilhar ambientes virtuais em plataformas de ensino e aprendizagem no modo síncrono e assíncrono, adequando a prática pedagógica com diferentes recursos/ferramentas, cujo objetivo era de acompanhar as mudanças em tão pouco tempo.

Tanto as escolas como os profissionais da educação perceberam, diante da emergência de aulas remotas, que o mero uso das tecnologias não realizam a contento a transposição da sala de aula para o formato digital. Torna-se necessário um paradigma de complexidade que ao mesmo tempo disjunte e associe, que conceba os níveis de emergência da realidade sem reduzi-las às unidades elementares e às leis gerais (MORAN, 2000, p. 56).

O ensino remoto, mesmo nos locais em que tenha sido bem planejado e executado, tem menores chances de gerar engajamento dos estudantes e promover o desenvolvimento conforme a legislação, especialmente em famílias com condições reduzidas de acesso à infraestrutura do ambiente virtual, ou mesmo, a um contexto domiciliar e comunitário menos favorável à aprendizagem. Sabe-se das vantagens do uso das tecnologias em sala de aula, desde que os estudantes tenham estruturas para acompanhar as atividades. Na concepção de Alves (2020) o ensino remoto, constitui um conjunto de práticas pedagógicas mediadas por plataformas digitais.

No espaço virtual assim como no presencial existem vantagens e desvantagens, sendo que, o trabalho com atividades em tempo real nem sempre atendem as necessidades dos jovens ou promove aprendizagem, sendo um dos negativos dessa nova ferramenta de ensino, pois, a comunidade estudantil que na maioria não possui uma internet que atenda suas necessidades básicas para acompanhar as aulas remotas. Para promover o mínimo de aprendizagem, os jovens teriam que ter acesso a alguns aplicativos exigidos pelo sistema educacional, sendo possível somente com acesso a uma internet de qualidade.

Segundo a UNICEF “Tempos de pandemia e aulas remotas, ter acesso à internet é fundamental para que crianças e adolescentes possam assistir às aulas online e acessar outros conteúdos da internet que garantam a continuidade do aprendizado. Mas, infelizmente, essa não é a realidade de todos. De acordo com dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), cerca de 4,8 milhões de crianças e adolescentes, de 9 a 17 anos não têm acesso à internet em casa. Isso, corresponde a cerca de 17% de todos os brasileiros nessa faixa etária”.

Conforme essa realidade, muitos desafios que se apresenta ao sistema de ensino, vincular tempo e qualidade a serviço da educação por meio de políticas públicas voltadas para solução dos problemas sociais, que, partindo de uma análise e, logicamente de descrição detalhada é claro, apresentem planejamentos objetivos para desenvolver ações específicas e eficazes deixando compreensível — “o quê”, “como”, “quando”, “quem”, forma de monitoramento com indicadores e metas, avaliação e resultados esperados. Essas políticas orientam, acompanham e se desdobram para atender as demandas, com isso produzindo efeitos nas práticas pedagógicas capacidade de produzir um efeito real nas escolas e em sala de aula.

Com o retorno dos estudantes com o ensino híbrido, pode-se perceber a real situação dos jovens em relação ao aprendizado. De acordo com essa conjuntura, ainda se depara com crianças que deveriam estar alfabetizada, mas que, não conseguem entender o mínimo o que leem, e nota-se que a realidade piorou bastante pós regresso. Na área de humanas observa-se as adversidades entre os membros de uma mesma turma. A sensação que se tem é de regressão, de fracasso, de estar falando outra língua, é como se a memória dos jovens estivesse sido congelada durante o tempo que ficaram confinados, é como se estivesse vazia.

Segundo a UNICEF “Tempos de pandemia e aulas remotas, ter acesso à internet é fundamental para que crianças e adolescentes possam assistir às aulas online e acessar outros conteúdos da internet que garantam a continuidade do aprendizado. Mas, infelizmente, essa não é a realidade de todos. De acordo com dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), cerca de 4,8 milhões de crianças e adolescentes, de 9 a 17 anos não têm acesso à internet em casa. Isso, corresponde a cerca de 17% de todos os brasileiros nessa faixa etária”.

## 2 Metodologia

Este artigo assume como perspectiva teórico-metodológica o relato de experiência, ou seja, uma vivência de uma professora na prática docente em uma Escola Estadual, nessa trajetória de trabalho a docente se depara com uma grande defasagem de aprendizado durante

o ensino remoto, que observado no retorno das aulas no sistema híbrido. A revisão teórica e documental (decretos) serviu de base para fundamentar a reflexão, possibilitando conhecer e os fatos por meio da vivência direta da pesquisadora\autora.

O período relatado refere-se ao ano de 2021, onde a primeira autora, professora de Geografia da Ensino Fundamental II, acompanha diariamente os conflitos de professores e observa as mesmas dificuldades de alunos em acompanhar as aulas remotas, assim como, os entraves dos mesmos em acompanhar as aulas presenciais. Utiliza-se de relatos informais e da observação cotidiana para mostrar que esses profissionais viveram e ainda vivem neste contexto pandêmico.

### **3 Resultados e Discussões**

De acordo com o observado, no retorno semipresencial, foi necessário retroceder os conteúdos para tentar recobrar conceitos e aprendizados. Mas também se sabe que não há tempo a perder quando se trata de reduzir os prejuízos de aprendizagem que aconteceram em 2020, minimizar desigualdades resultantes de diferenças no contexto de cada um, e manter as oportunidades de avanços para todos.

Uma coisa é sabida, que, esse cenário de fortes desafios à aprendizagem já existia e vem se arrastando ao longo da história da Educação, em muitas realidades brasileiras, contudo a crise do novo coronavírus massificou ainda mais essa situação para todos os contextos, alongando o alcance das possíveis brechas de aprendizagem.

É justamente sobre a mudança, superação de desafios que se trata nesta breve experiência, onde será apresentado o fruto de conhecimento e experiências bem sucedida para garantir a aprendizagem, especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental. São processos e princípios passíveis de serem praticados nas mais

A metodologia é considerada relato de experiência, o qual foi baseado na vivência do trabalho desenvolvido pelas professoras do Ensino Fundamental II no formato de ensino remoto em uma escola da rede estadual de ensino. Sendo esta uma revisão teórica e documental (decretos) que serve de base para fundamentar a reflexão, possibilitando conhecer os fatos por meio da vivência direta da pesquisadora\autora.

O período relatado refere-se ao ano de 2021, onde a autora – professora de Geografia – acompanha diariamente turmas do 7º e 8º anos que desde os primeiros contatos com as turmas

percebe a defasagem dos alunos não apenas em relação à disciplina, mas no que tange à leitura, escrita. Os discentes ao realizarem a leitura é perceptível a falta de compreensão/interpretação daquilo que ler, no ensino presencial o professor atua como mediador auxiliando-o nesse processo, no entanto, isso não ocorre no ensino remoto, agravando mais o processo de ensino e aprendizagem.

#### 4 Considerações Finais

O momento presente indica uma ampliação das diferenças no desempenho educacional por todo o território, o que acumula desafios ao relevante papel da escola na busca por garantir a aprendizagem de qualidade a todos, com equidade.

Este relato de experiência permitiu uma reflexão sobre o papel da educação escolar dentro da sociedade, que, por mais que existam as tecnologias que nos ajudam a superar momento difícil, a mediação pelo professor se sobressai no processo de ensino e aprendizagem.

#### Referências

- ALVES, L. (2020). Educação Remota: entre a Ilusão e a Realidade. *Educação*, 8(3), 348–365. <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n3p348-365>
- BRASIL, Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP Nº:5/2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Brasília: DO. Acesso em: 17 jun de 2021.
- DECRETO nº 19 DE MARÇO DE 2020, Várzea Grande/MT.
- HONORATO, T. e NERY, A.C.B. 2020. História da Educação e Covid-19: *Acta Scientiarum. Education*. v. 42, n.1, ago. 2020, e54998.
- MORAN, J. M. Mudar a forma de ensinar e de aprender com tecnologias. **Revista Interações**, vol. V, n. 9, jan-jun, 2000, p. 57-72, Universidade São Marcos. Acesso 17 de jun. 2021.
- SPINARDI, J. D.; BOTH, I. J. Blended learning: o ensino híbrido e a avaliação da aprendizagem no ensino superior. *Boletim Técnico do Senac*, [S.L.], v. 44, n. 1, p. 1-12, 27 mar. 2018. *Boletim Técnico do Senac/Senac Journal of Education and Work*. <http://dx.doi.org/10.26849/bts.v44i1.648>.